

janeiro  
fevereiro

71

# 1971

ANO DO  
**EVANGELISMO**  
LEIGO

# O

**MINISTÉRIO** adventista

2 ANOS



## ILUSTRE O SEU SERMAO

# As Marcas de Cristo

Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoque de Oliveira  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:  
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual ..... US \$ 3,00  
Número Avulso ..... US \$ 0,50

Ano 36 Janeiro-Fevereiro N.º 7

### NESTE NÚMERO

ILUSTRE SEU SERMAO .....	2
EDITORIAL .....	
DESPEDIDA .....	
Enoque de Oliveira .....	3
ADORAI AQUELE QUE FEZ — I .....	
R. H. Brown .....	4
AO SEU LADO .....	
O PASTOR E SUA ESPOSA .....	
Ralph M. Smucker .....	6
COMO TRATAR COM AS PESSOAS — CONCLUSAO .....	
R. R. Bietz .....	8
JUNTO A MESA .....	
Walter R. L. Scragg .....	11
CONHECER A DEUS .....	
Rolando E. Logsbey .....	13
PASSOS DO PREGADOR .....	
A CLASSE BÍBLICA DO PASTOR .....	
Kenneth H. Livesay .....	15
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA .....	
O JUÍZO INVESTIGATIVO .....	19
PÁGINA 2	

*As Marcas de Cristo.* — Depois de suas conquistas na Pérsia e na Índia, Alexandre, o Grande, em Opis, anunciou ao seu exército veterano que as guerras haviam findado e os que tão bem o haviam servido, alguns dos quais feridos, saudosos de casa e enfraquecidos, seriam mandados para os seus lares, na Macedônia. Planejava êle substituir o seu exército macedônio e grego, por outro constituído de estrangeiros e persas.

Ante êsse anúncio uma onda de protestos interrompeu as palavras do rei. “Vossa Majestade de nos usou e agora nos despreza. Fora com êsses soldados bárbaros! Conquistará Vossa Majestade o mundo com mulheres? Prossigamos todos. Conserve-nos Vossa Majestade a todos, ou a ninguém. Porque não pede Vossa Majestade o auxílio de seu pai Amom?”

Irritado por êsse motim, Alexandre saltou da plataforma que ocupava e fêz prender vários dos cabeças da agitação. Voltando para a tribuna, enfrentou o turbulento exército e lhes fêz um discurso que mostrou ser êle não somente soldado mas orador também.

Disse: “Dirá qualquer de vós que sofreu privação e cansa, e não eu? Quem de vós me pode dizer que sofreu por mim mais do que eu por êle? Quem dentre vós tem ferimentos? Desnude-se o tal, e mostre-os, e eu exibirei os meus. Nenhum membro do meu corpo está sem o seu ferimento; não existe espécie alguma de arma de que eu não leve as cicatrizes. Fui ferido a espada, pela flexa e pelo arco, e pelos arremessos da catapulta. Fui atingido por pedras e golpeado por clavas, enquanto vos conduzia para a vitória, a glória e a riqueza, através de toda terra e mar, vadeando rios, escalando montanhas e atravessando planícies.”

Assim, pelos ferimentos e cicatrizes de seu corpo, Alexandre, o Grande, provou aos seus soldados sua coragem, patriotismo e devotamento.

Também Paulo pôde desfazer as dobras de suas vestes, e dizer: “Trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus.” (Gál. 6:17.)



Enoque de Oliveira

## Editorial

# DESPEDIDA

AS decisões da assembléia de Atlantic City produziram algumas mudanças na Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana. Dois homens que por anos estiveram à frente dêsse trabalho, o deixarão para assumir outras responsabilidades. São eles, os pastôres Enoque de Oliveira e Arturo Schmidt.

O Pastor Enoque de Oliveira, responsável durante muitos anos pelo O MINISTÉRIO ADVENTISTA, dedicou doze anos de sua vida à direção dos labores ministeriais no vasto campo sul-americano. Foram, sem dúvida, doze anos de bênçãos por seu frutífero trabalho. Ao chegar à Divisão, embora parecesse muito jovem, já trazia uma bagagem de experiência e conhecimentos que o constituíram logo em um homem-chave em cada reunião ministerial. Quando partia, depois das reuniões, invariavelmente deixava atrás de si boas recordações, simpatia, inspiração e ensinamentos sólidos através de suas "vibrantes" apresentações das verdades que nos distinguem e dos métodos de pregá-las. Durante seus anos de trabalho dirigiu cruzadas evangelísticas de muito êxito com muitas almas ganhas.

A assembléia da Associação Geral pediu-lhe assumir as responsabilidades que o Pastor Moisés Nigri deixava vacantes, como secretário da Divisão. Ele aceitou.

Embora o trabalho do Pastor Oliveira vá ser um tanto diferente agora, acreditamos que — de certo modo — esta nomeação foi somente uma mudança de escritório dentro do edifício da Divisão. Ele continuará sendo um estímulo e uma inspiração para o corpo de obreiros da América do Sul, os quais esperam contar com sua presença e valiosa colaboração nas futuras assembléias ministeriais, para as quais tem desde já um convite permanente.

Pastor Oliveira, acreditamos interpretar o sentimento de todos os seus companheiros de lutas dos oito países da Divisão, ao lhe dizer que realmente apreciamos seu abnegado labor através dêstes longos anos. Apreciamos o seu sacrifício ao permanecer longos meses fora do lar,

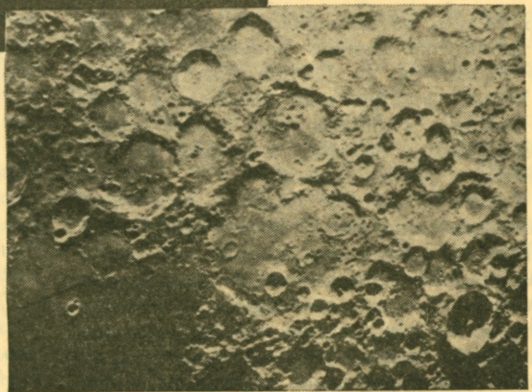
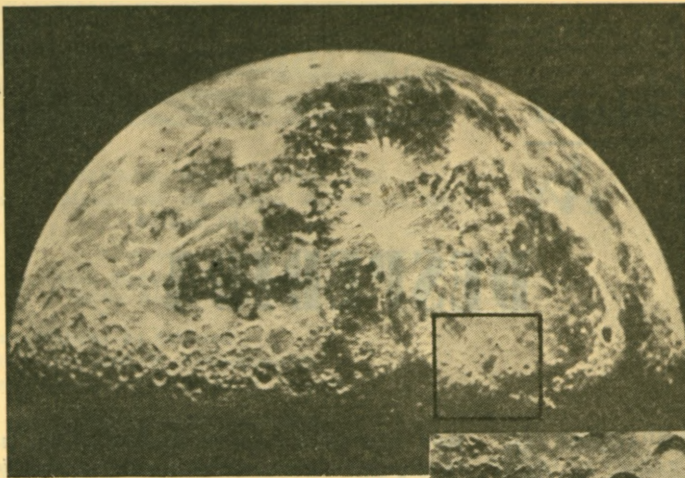
para estar no campo de trabalho. Deus há de recompensar abundantemente sua dedicação no dia da reunião final como o "Príncipe dos Pastôres." Suas mensagens e ensinamentos, mas mais que nada, seu exemplo, calaram muito fundo nos que o acompanhamos através dos anos. Desejamos que o Senhor o abençoe em suas novas tarefas, e que através delas continue ajudando a edificar um ministério capaz de enfrentar a tarefa cada vez mais difícil da pregação da mensagem na América do Sul.

O Pastor Arturo Schmidt se afasta do campo sul-americano para ser secretário ministerial associado da Divisão Trans-Mediterrânea (ex-Divisão Sul-Européia) com sede em Berna, Suíça, depois de sete anos ocupando a mesma responsabilidade na Divisão Sul-Americana. O Pastor Schmidt se destacou como homem de resolução e consciente da urgência de pregar a mensagem adventista sem descanso. Em seus anos de serviços na Divisão dirigiu campanha após campanha através das quais milhares de almas conheceram a verdade. Seu espírito de trabalho e dedicação foram uma inspiração para todos quantos tivemos oportunidade de trabalhar perto dêle.

Êstes sete anos falamos também de meses de ausência do lar, de longas e esgotadoras viagens pelos caminhos dos oito países que tinha sob sua responsabilidade. Fomos testemunhas de noites inteiras passadas atrás do volante com o objetivo de cumprir compromissos de pregação. Falamos também de semanas e meses de reuniões diárias frente a públicos numerosos, de dificuldades mil a vencer, mas também de incontáveis cerimônias batismais que demonstram trabalho duro e dedicação à tarefa.

Suas responsabilidades serão agora em campos mais difíceis do que os nossos: Espanha, Itália, Suíça, Portugal e outros. São campos que estiveram virtualmente fechados para a Verdade e onde o desafio é tremendo. Desejamos-lhe, Pastor Schmidt, as bênçãos dos Céus em seu ministério e estamos certos de que o

(Continua na pág. 18)



**R. H. BROWN**

Vice-presidente das Relações Estudantis, do  
Walla Walla

## Adorai Aquêle que Fêz — I

O ÚLTIMO livro da Bíblia é uma revelação de Deus, dada à igreja Cristã por Jesus Cristo, por intermédio do apóstolo João. É seu propósito prover conhecimento antecipado acêrca de alguns dos mais significativos acontecimentos relativos à vida humana, desde o princípio da era cristã até à restauração da Terra à perfeição edênica, estabelecida como centro administrativo do universo.

Os primeiros cinco versículos do capítulo catorze dêsse livro descrevem uma multidão vitoriosa, da Terra, que acompanha seu Redentor até ao trono divino, e aonde quer que vá. Essa multidão é tão numerosa que o volume que produz o seu cântico é comparado a um forte trovão. A última parte dêsse capítulo (vs. 14-20) dá uma descrição simbólica da segunda vinda de Cristo e da ceifa da seara de remidos, da Terra.

Os vs. 6-13 descrevem os empenhos do Céu

em preparar o povo de todas as nações, tribos e línguas da Terra, para os acontecimentos descritos na última parte do capítulo, e para a cena triunfal apresentada nos primeiros cinco versículos. O assunto principal dêsses empenhos é a apresentação do “evangelho eterno.” A apresentação específica do evangelho eterno, descrita em Apoc. 14:6 e 7, é feita durante a última parte do século dezenove e daí por diante, pois é dada quando está em processo um julgamento especial — processo conhecido na terminologia adventista do sétimo dia como o juízo investigativo.

O versículo 7 nos informa de que a apresentação, inspirada pelo Céu, do evangelho eterno nesse tempo específico, envolve um claro e forte apêlo para dar glória a Deus, e adorar “Aquêle que fêz o céu e a Terra, e o mar, e as fontes das águas.” Esta fraseologia imediatamente nos lembra as palavras do mandamen-

to do sábado: “Lembra-te do dia de sábado. . . . Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, e o mar e tudo o que nêles há” (Êxo. 20:8-11), e sugere que na proclamação final das boas-novas da salvação em Cristo — proclamação de inspiração celestial — serão acentuadas as considerações relativas ao descanso semanal.

Um exame sucinto de alguns dos pontos altos da história do pensamento humano do século dezenove pode proporcionar melhor compreensão de Apoc. 14:7. Ao fazer êste exame, convirá ter em mente dois pontos de referência: 1844, depois do que bem se podia dizer: “*É chegada a hora do Seu juízo;*” e 1859, ano em que apareceu o livro *Origem das Espécies* de Carlos Darwin.

Na primeira metade do século dezoito, os que se dedicavam ao estudo científico, faziam-no, em geral, motivados pelo reverente desejo de seguir o pensamento divino. Muitos dêsses homens pesquisavam segundo a escola de Isaque Newton que, um século antes, dissera: “Tôdas as minhas descobertas vieram-me em resposta de oração.” Considerava-se geralmente ser o universo material, manifestação do poder, sabedoria e bondade de Deus. Os cientistas não julgavam impróprio mencionar a Deus, mesmo nas obras estritamente científicas. As reuniões de sociedades científicas eram comumente iniciadas com oração. Em 1860, em um discurso, disse o presidente da Associação Britânica, Lorde João Wrottesley, depois de esboçar as notáveis realizações da ciência, que as pesquisas científicas representavam “um glorioso hino em louvor do Criador.” Expressou mais sua convicção de que, quanto mais estudarmos a Natureza, “mais seremos habilitados a nos aproximar de Deus” (Roberto E. Clark, *Darwin: Before and After*, pág. 94).

No espaço de dez anos a situação mudara-se drásticamente. Os ensinamentos de Darwin dominavam tanto o pensamento filosófico como o científico. As atividades científicas realizavam-se em grande parte divorciadas da preocupação de relacionar-se com o Criador, se não em aberto desrespeito a Deus. Usava-se a ciência em grande escala como meio de escape de Deus.

Na última parte do século dezenove Ernesto Haeckel, biologista e filósofo alemão, preconizava que se devia ensinar nas escolas uma religião baseada na evolução, em lugar do cristianismo. Dentro em breve muitos sistemas filosóficos, nas principais nações do mundo, funcionavam de acordo com a proposta de Haeckel. A maioria dos leitores destas linhas conhecem escolas públicas onde, embora proibidas de ensinar religião, se incutem cabalmente nos alunos as idéias evolucionistas que se opõem ao cristianismo ortodoxo.

É interessante notar que as idéias conhecidas em geral sob o nome de “evolução” foram primeiro apresentadas, de forma desenvolvida, num livro publicado em 1844. Êsse livro, *Vestiges of the Natural History of Creation*, foi escrito por um cristão confesso, e respira um espírito devotadamente cristão. Teve doze edições e foi largamente comentado. Embora o livro propusesse a maioria dos argumentos de que se valeu mais tarde Darwin, seus pontos de vista foram rejeitados pela comunidade científica e em grande parte passados por alto pelos teólogos. Darwin leu o livro quando se achava nos estágios iniciais do preparo de matéria para seu *Origem das Espécies* (*Darwin: Before and After*, págs. 47-49).

O esboço abaixo apresenta a colocação histórica da mensagem de Apoc. 14:7:

1844 — Publicação de *Vestiges of the Natural History of Creation*. Início do juízo investigativo predito pelo profeta Daniel.

1859 — Publicação de *Origem das Espécies*.

1860-1870 — Transição, na ciência, do ponto de vista polarizado em Deus para o ponto de vista agnóstico, ou ateuista.

1863 — Organização da Igreja Adventista do Sétimo dia, incumbida de convocar os homens de todo o mundo para darem glória a Deus, e adorar “Aquele que fez o céu, e a Terra, e as fontes das águas.”

1874 — Fundação do Colégio de Battle Creek.

Referindo-se a êste colégio, Ellen G. White disse, em 1877: “O grande objetivo na fundação de nosso colégio foi promover idéias corretas, mostrando a harmonia entre a ciência e a religião bíblica.” — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 274. É notável que o objetivo aqui exposto é promover o retorno a uma atitude polarizada em Deus, em relação à ciência — atitude que prevaleceu na primeira parte do século dezenove.

A lista oficial do credo adventista do sétimo dia não traz nenhuma declaração acerca de uma doutrina quanto à harmonia entre a ciência e a Bíblia. Entretanto a Igreja Adventista do Sétimo Dia destaca-se dentre as organizações religiosas em sua implícita acentuação de que os dados básicos da ciência estão em harmonia com os positivos ensinamentos da Bíblia, a começar com o primeiro versículo do primeiro capítulo do Gênesis. Essa posição acha-se clara e eloquentemente exposta nas seguintes declarações de Ellen G. White:

Na ciência verdadeira nada pode haver de contrário aos ensinamentos da Palavra de Deus, pois ambas têm o mesmo Autor. A compreensão correta de ambos sempre demonstrará acharem-se em harmonia. — *Idem*, Vol. 8, pág. 258.

Os céticos que lêem a Bíblia por amor da cavilação podem, mediante a compreensão incorreta quer da ciência quer da revelação, alegar que encontram contradições entre elas; mas, compreendidas devidamente, acham-se em harmonia perfeita. . . . O livro da Natureza e a palavra escrita elucidam-se mutuamente. — *Patriarcas e Profetas*, págs. 114 e 115.

Visto como o livro da Natureza e o da revelação apre-

(Continua na pág. 10)



# O Pastor e sua Espôsa

RALPH M. SMUCKER

## Para a Espôsa do Pastor

**M**UITO tempo antes que a Sra. João Wesley arrastasse o marido pelos cabelos em volta da casa, já os pastôres cristãos haviam descoberto que entre as pessoas de convívio mais difícil no mundo achava-se a própria espôsa. Nenhum campo de atividade humana traz tão rápida e dramaticamente à atenção do pastor a sua própria humanidade e pecaminosidade como sua relação com a espôsa. Pode dar-se que o ministro capaz de ajudar outros a solverem seus problemas de relações humanas, não frua êle mesmo boas relações com a espôsa.

Por que será tão difícil para os pastôres e espôsas conviverem pacificamente? Várias sugestões se nos apresentam.

Primeiro, é possível que o pastor possua personalidade forte, agressiva. Está mais acostumado a criar e promover idéias e programas do que a aceitar e executar idéias alheias.

Segundo, o pastor acha-se profundamente dedicado a sua obra, nela empenhando o melhor de seu tempo e energias. Outras responsabilidades têm a tendência de tomar o segundo, terceiro e mesmo quarto lugar em seu esquema de prioridades.

Terceiro, o pastor está constantemente dedicando a outros sua atenção e energia. Talvez se sirva de seu lar como refúgio das demandas do povo, talvez como oportunidade para ocupar-se com coisas, permitindo-se assim um repouso emocional da pressão das relações. Com efeito, êle é capaz de separar da vida doméstica a sua atividade a ponto de recusar-se a dedicar tempo aos negócios domésticos. Daí pode a espôsa deduzir que êle julgue não ser ela capaz de compreender os problemas e idéias dêle, ou pelo menos que seria incapaz de corresponder devidamente a êles. Isto reduz o seu senso de valores e de contribuição para o ministério pastoral.

Quarto, o tempo do pastor não lhe pertence, ou pelo menos assim parece. Êle está muito

fora de casa, e seu salário mal lhe permite oferecer à família a compensação das utilidades que tornam mais fácil a vida da família. Por exemplo, a maioria das espôsas de pastôres desejariam que a família possuísse dois carros. Visto como o pastor está sempre precisando do carro, a espôsa fica em casa, e quando tem que sair pede por favor uma carona a outros, ou se sente culpada de aborrecer o marido. Poucos são os homens que saiam tanto de casa e tão pouco lhe tragam de volta.

Quinto, o pastor e família levam uma vida de aquário, na qual os problemas normais da família tendem a ser ampliados. Podem desenvolver-se tensões entre marido e mulher, acêrca da maneira de tratar êsses problemas, especialmente se o marido julga que, para ser pastor eficiente, a família tem de ser um modelo de vida cristã.

Sexto, a espôsa do pastor não possui pastor além do espôso. Mas pode ela achar difícil ter confiança em seus conselhos, pois recebe-os com preconceito porque sabe que êle, como conselheiro, vê faltas nas outras pessoas, e não em si mesmo.

Sétimo, pode sobrevir a tensão pelo motivo de observar a espôsa do pastor sua infinita paciência com outros, ao passo que ela busca em vão a mesma paciência em seu trato com os de sua própria família. O pastor que passa uma hora inteira ouvindo pacientemente o relato dos problemas de alguém, pode bruscamente, logo depois, dizer à espôsa que não sabe porque ela não pode dar conta do comezinho problema de dizer ao Joãozinho o motivo de não dever êle, êste ano, unir-se aos escoteiros.

Oitavo, o pastor passa boa parte de seu tempo tratando com casais que têm problemas, e pode às vêzes a espôsa reçar que as senhoras por êle aconselhadas transfiram para êle o seu afeto.

E a não ser que ele tome amplas medidas para lhe inculcar confiança nêle, dá lugar para interrogações e dúvidas, e talvez mesmo suspeita quanto aos seus pensamentos em semelhantes situações.

Nono, o pastor na maior parte do tempo está em evidência. Enquanto prossegue no seu trabalho, recebe retribuições espirituais, emocionais e materiais. Seu senso de dever cumprido pode ser muito maior do que o da esposa, por causa de sua experiência direta no receber as bênçãos de Deus e do resultado de seus labores. Se ela recebe um quinhão completo dos problemas, críticas e dúvidas, e das questões não resolvidas, pode sentir-se frustrada e infeliz por julgar-se incapaz de fazer o que quer que seja.

Décimo, os homens que se tornam bons pastores geralmente preferem casar-se com mulheres de personalidade forte e sensível, de convicção e entusiasmo. A menos que se empenhem esforços constantes para construir pontes entre essas duas personalidades fortes, pode formar-se um grande abismo. Também a mulher pode sentir-se inferiorizada porque não se considera competente no campo da doutrina, do falar em público e do intercâmbio social. Isto é trágico. Homem algum deve permitir que tal aconteça a esposa.

O desenvolvimento de relações fortes e saudáveis entre o ministro e sua esposa deve ser considerado um plano contínuo. Não existem leis ou regras para isso. Todavia, o grau de êxito nesse sentido é bom indicio de quão eficiente pode ser o pastor, como servo de Cristo. O ponto de partida é o acordo mútuo; marido e

mulher devem desejar o desenvolvimento feliz das relações de trabalho, e concordar em alcançar esse desiderato, a despeito dos sacrifícios exigidos.

Os pastores sabem que devem ter clareza quanto aos seus alvos, de modo que possam fazer juízo acerca do reto uso do tempo, dos talentos e dos recursos financeiros. O mesmo se dá nas relações marido-esposa. Ambos devem estar de acordo quanto ao lugar aonde queiram ir, o que querem fazer, e como lá chegar. O pastor tem as suas responsabilidades, e a esposa tem as dela. Ela participa dos trabalhos da igreja, tanto ajudando ao marido a estar livre para ajudar os outros, como prestando serviços dela mesma, na igreja e na comunidade. É fácil ver como sua participação diminui se ela tem de cuidar sozinho da família por uma semana ou mais, enquanto o marido está ausente, em outros trabalhos da igreja. A igreja que aprecie seu pastor, deve tornar-lhe possível compensar a família de maneiras especiais, por causa dos grandes períodos de tempo que ele tem de passar ausente.

Sempre que duas pessoas vivam e trabalhem juntas, tem de haver entre elas comunicação constante. Deve prevalecer sempre um clima que favoreça a troca de opiniões, sem que nenhum dos dois se sinta ameaçado pelo outro.

Como podem ser conservados abertos os canais de comunicação entre pastor e esposa? Eis algumas sugestões:

1. Ter ocasiões determinadas, para consideração de problemas e troca de idéias, e seguir o mais possível o horário combinado.

2. Marido e mulher devem orar um pelo outro, tanto em presença como na ausência dos demais membros da família. Verão que, enquanto puderem orar juntos, aberta e sinceramente, permanecerão sensíveis aos sentimentos e atitudes mútuos.

3. Marido e mulher devem ler e comentar juntos os livros que lêem. Isto os ajudará a respeitar as idéias e sentimentos mútuos. Pode dar-se que o marido tenha mais discernimento intelectual, o qual por sua vez pode ser abrandado pela cordialidade e piedade da esposa.

4. Um bom estímulo para a troca de idéias é comentar a esposa o sermão do marido. A medida em que ela se conserve construtiva ao mesmo tempo que sincera em suas observações, deter-



# Como Tratar com as Pessoas

(Conclusão)

R. R. BIETZ

Vice-Presidente da Associação Geral

## Terceiro Fator de Êxito

JESUS alcançava êxito no trato com o povo porque era considerado para com os seus sentimentos. Lemos (Heb. 4:15) que Jesus Se compadece “das nossas fraquezas.” E mais: “Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja; em verdade promulgará o direito.” Isa. 42:3. Referindo-se ao método de Cristo, de relacionar-Se com o povo, lemos em *Vereda de Cristo*: “Em Seu convívio com o povo exercia o maior tato, dispensando-lhes atenta e bondosa consideração. Não era nunca rude; jamais pronunciava desnecessariamente uma palavra severa; nunca motivava dores desnecessárias a uma alma sensível. Não censurava as fraquezas humanas. Dizia a verdade, mas sempre com amor. Denunciava a hipocrisia, a incredulidade e a injustiça; mas o pranto transparecia em Sua voz quando proferia Suas fulminantes repreensões.” — Pág. 12.

Como líderes estamos em posição passível de poder ajudar ou prejudicar pessoas, construir ou demolir. Podemos falar bondosa e firmemente, ou com ira e paixão. Não é difícil manifestar nossos característicos naturais. Há os que pensam que “perder as estribeiras” seja sinal de maturidade e coragem; mas os adjetivos *imaturato* e *covarde* seriam muito mais aplicáveis.

Ouvimos por vezes alguém dizer: “Pague-lhe na mesma moeda. Êle o merecia, e de-lhe segundo seu merecimento.” Talvez êle o merecesse. Mas, que tal o método empregado? Que tal o espírito? Ao tratar com o povo, não se deve cogitar de “pagar na mesma moeda.” A fortaleza de caráter não se revela pelo puxar do gatilho do rifle das emoções, mas sim pelo refrear-se mesmo de fazer a mira. Sempre é melhor dizer de coração a verdade, com mansidão. O coração alcança o coração.

Diz o Dr. Wetherill, em seu livro *How to Get Leadership and Influence*: “De mais de 25 anos de atenta observação convenci-me de que a ninguém se precisa ensinar a xingar. A ninguém se precisa dizer como ofender os sentimentos de outro. É uma das habilidades de mais fácil aquisição.” Quando o comportamento de alguém deixa de alcançar a norma de

vida, há uma vasta série de passos que podemos dar. Podemos despachá-lo, insultá-lo, dar-lhe uma lambada com a língua, espancá-lo, ou simplesmente desprezá-lo, e esta pode ser a pior espécie de repreensão. O líder cristão terá interesse especial em mostrar-lhe como corrigir sua dificuldade de modo mesmo agradável para êle. Esta é a maneira cristã de tratar com nossos semelhantes.

## Quarto Fator de Êxito

Jesus tinha êxito em tratar com o povo porque olhava para seus traços bons. Sem dúvida concordava em que:

Há tanto de bom no pior de nós,  
E tanto de ruim no melhor de nós,  
Que não compete a nenhum de nós  
Falar mal de qualquer de nós.

Cristo nunca aumentava os pontos fracos da natureza humana. Procurava sempre trazer à tona o melhor. Maria era pecadora. Pecador era Simão. Cristo olhou ao que ambos tinham de bom, e isto veio à tona. Ambos se tornaram humildes e sinceros seguidores do Senhor.

A Lourenço da Arábia, que era inglês, perguntou-se certa vez como era que convivia tão bem com os árabes. Respondeu: “Trato todo árabe como se fosse inglês.” Olhar aos traços bons dos outros cria uma atitude saudável. Produz um espírito criativo, novas idéias, descobertas novas, contribuindo para a melhoria das relações.

Dorotéia Canfield Fisher, notável escritora e crítica literária, diz o seguinte: “Em tôdas as minhas relações, procuro antes de mais nada compreender as pessoas. A seguir procuro ver o que posso fazer no sentido de proporcionar-lhes o que lhes falta para fruírem uma vida satisfatória e realizada.” — *New Life*, pág. 46.

O primeiro presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas, Paulo Henrique Spaak, disse que tinha uma só regra pela qual pautava suas ações. Eis a regra: “Todo ser humano possui em si algo que mereça atenção, e uma vez descoberto isso, passa a enriquecer nossa própria pessoa. Mas temos de buscar constantemente o bem que existe nos outros. Nada se



lucra com empregar ocasionalmente essa habilidade. Tornemo-la um traço permanente, e teremos a chave do entendimento alheio." — *Idem*, pág. 49.

Têm-me ajudado as estrofes seguintes (aqui traduzidas em prosa):

"Incompreendidos, juntamos impressões falsas, e a elas nos apegamos no decorrer dos anos, até que as próprias virtudes nos pareçam transgressões; e assim os homens se erguem, e caem e vivem — incompreendidos.

"Incompreendidos! Quantos peitos arfam, por falta de simpatia! Ah! dia a dia, quantos corações solitários e desalentados se partem! Quantos espíritos nobres descem à tumba — incompreendidos!

"Ó Deus, quem dera os homens vissem um pouco mais claro, ou julgassem menos severamente, quando não vêem! Ó Deus, quem dera os homens se achegassem um pouco mais uns aos outros! Estariam então mais perto de Ti — e seriam compreendidos!" — *Tomás Bracken*.

### Quinto Fator de Êxito

Jesus tomava em consideração as emoções do povo. Para compreender as pessoas e ver nelas o bem, temos de compreender a parte que as emoções desempenham na vida. Diz Guilherme C. Menninger: "Muitas vezes temos contato com um gênio intelectual. Tem muito elevado quociente de inteligência, mas é rude no trato social. Não consegue viver em paz com os semelhantes, malgrado o seu talento brilhante; êle nos faz sentir-nos um tanto constrangidos por causa do brilho de seu talento." O fato de ser assim brilhante não é garantia de ser emocionalmente equilibrado. Todos somos criaturas emocionais. Súbitas expressões de emoção nem sempre revelam o íntimo da pessoa.

Diz Jessi S. Nirenberg, em seu livro *Getting Through to People*: "A maneira de fazer sentir-se bem a pessoa ao expressar intensa emoção está em aceitar o fato, sem julgar nem condenar. Não lhe demos nunca a entender que ela não devesse ter essa emoção. O fato é que ela a tem, e não pode controlá-la. As emoções não são controláveis. Podem-se controlar as reações à emoção, mas a própria emoção não pode ser controlada mais do que a secreção dos sucos gástricos ou circulação do sangue." — Pág. 61.

Bom exemplo nos legou Jesus acêrca de como tratar as pessoas que explodem emocionalmente. Achando-Se no tribunal de Caifás, Cristo ouviu Pedro blasfemar e fazer veementes negações. Ouviu-o não só uma vez, nem duas, mas sim três vezes. Cristo sabia que êsse abrir da válvula da caldeira das emoções não revelava o verdadeiro Pedro. Jesus olhou ao Seu pobre discípulo. Pedro olhou a Jesus. Encontraram-se os olhares. Pedro viu profunda piedade e tris-

teza no semblante de Cristo. Não havia ali rancor. Cristo provavelmente como que desejava dizer: "Pedro verdadeiro, apareça, por favor!" Depois de derramar no Getsêmani sinceras lágrimas de arrependimento, apareceu o Pedro verdadeiro. E através de tóda a vida êle se pôs fielmente na defesa da causa de Cristo.

Quando tentados a abrir as comportas de nossas emoções, bem faremos em lembrar o conselho de Daniel Webster: "Arrefeça! Ira não é argumento." Devemos levar as pessoas emocionalmente agitadas a falarem, mas não a argumentarem. Por que estará irada a pessoa? Por que preocupada? por que acabrunhada? frustrada, ou o que quer que seja? Façamos que ela desabafe seus sentimentos. Aceitemos as emoções e não as critiquemos. Lembremos de que há muitos fatores passíveis de dar ao gatilho das emoções. A diferença entre pessoas emocionalmente maduras e outras imaturas está, em muitos casos, na diferença entre um fígado congestionado e um fígado normal; ou um estado hipertireóideo e uma tireóide sã; ou pressão sanguínea alta e outra normal; ou uma intoxicação alimentar crônica e um regime alimentar orientado; ou é a diferença entre um homem que tem espôsa mesquinha, impertinente, e outro cuja espôsa é boa companheira; ou de um homem que não casa por motivo de uma fixação materna, e outro não mais prêso à mãe pelo excesso de afeto; ou de um homem assaltado pela ansiedade de manter família numerosa ou parentes mediante salário baixo, e outro sem preocupações financeiras.

Disse alguém que, quanto mais avançava na idade, mais se convencia de que "a digestão é o grande segredo da vida, e de que o caráter, os talentos, a virtude e outras qualidades são poderosamente afetados pelo bife, o churrasco, as crostas de torta e as sopas muito condimentadas."

### Sexto Fator de Êxito

Jesus sabia como tratar com os críticos. Que diremos das pessoas que nos criticam e difamam? Que fazer com elas? Primeiro, o líder deve estar disposto a pagar o preço da liderança: a crítica é a grande parte dêsse preço. Se o líder pensa que o preço é damasiado alto, deve descer a um nível em que a crítica não

**Jesus nos deu bom exemplo quanto ao trato com pessoas que explodem emocionalmente.**

seja tão onerosa. Não estou insinuando que se convide a crítica; se, porém, ela vier, e certo virá, não deve então surpreender-se e perder o equilíbrio. A crítica em geral vem sem que conste na agenda e sem pedir que a comissão a vote.

Uma senhora quacre perguntou certa vez a um ministro:

— Não julga o senhor que podemos andar tão cuidadosamente, viver tão corretamente, e evitar tão perfeitamente todo o fanatismo, que toda pessoa sensata tenha de dizer: “Essa é a espécie de religião em que eu creio?”

Respondeu o pastor: — Irmã, se a senhora tivesse um casaco de penas alvas como neve, e um par de asas brilhantes como as de Gabriel, não deixaria de haver alguém tão daltônico que atirasse na senhora pensando que fôsse um pássaro preto.

Disse Jesus: “Bem-aventurados sois quando . . . mentindo, disserem todo mal contra vós.” Se há bem-aventurança em ser acusado falsamente, nada farei que me impeça de receber a bênção. Mark Twain, depois de uma de suas conferências, foi criticado severamente. Um amigo seu perguntou-lhe porque não respondia ao crítico. Disse êle: “Foi o que fiz. Espaquei-o com um grande cacête de silêncio.”

Outro dia, ao ler um comentário de Ellen G. White, achei interessante ver como Jesus respondia às acusações, ridículos e escárnios de Seus companheiros de trabalho junto à banca de carpinteiro. Diz ela: “Começava a cantar um dos belos salmos de Davi; e Seus companheiros, sem se dar conta do que faziam, uniam-se-Lhe no canto.” — *The SDA Bible Commentary*, sobre S. Tia. 3:2, pág. 936.

Quando os críticos nos aborrecem, talvez nem sempre lhes possamos atender cantando. Com efeito, provavelmente não saberíamos de cor hinos suficientes. O princípio, entretanto, de não responder com crítica à crítica, de não pagar na mesma moeda, é princípio cristão.

As pessoas que buscavam auxílio do Senhor, provinham de tôdas as classes e profissões, de todos os ramos de atividade. Sabemos que ninguém dos que a Êle recorriam, saía sem ser ajudado. DÊle dimanava uma torrente de poder restaurador. Os que a Êle vinham, voltavam sãos.

Por esta espécie de poder interior devemos orar muito fervorosamente. Os frutos do Espírito: amor, gôzo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio, foram prometidos a “todo o que quiser.” O Espírito e a espôsa dizem: Vem, e recebe “de graça da água da vida.” Possuindo êsse Espírito, seguiremos então o modelo de Cristo em nosso trato com o povo. Coisa maravilhosa seria poder-se dizer de nós: “Nenhum dos que

vinham, saía sem receber auxílio.” As pessoas deveriam não só *sentir-se* melhor por motivo de com elas tratarmos: elas deveriam ser *melhores*. Deveriam saber que nos interessamos em seu bem-estar, e que somos não só sinceros mas também honestos; que somos considerados para com seus sentimentos, sempre tendo em conta as suas boas qualidades, que tantas vêzes se acham ocultas da vista.

A despeito do melhor dos nossos esforços, falharemos ainda, porque somos humanos. Entretanto, se amarmos as pessoas, se nossos motivos forem puros, nossos métodos cristãos, nossos esforços de amplitude suficiente, seremos uma fonte de fôrça àqueles com os quais nos comunicamos.

Em meu escritório há um quadro que traz a citação de um grande personagem. Para minha própria animação, para êle olho muitas vêzes. Diz o seguinte: “Faço o melhor que posso . . . na verdade o melhor que posso, e assim pretendo agir até ao fim. Se no fim eu me sair bem, aquilo que se disser contra mim de nada valerá. Se no fim eu me sair mal, não faria diferença se dez anjos jurassem que eu estava bem.” — *Abraão Lincoln*.

## Adorai Aquêle que Fêz

(Continuação da pág. 5)

sentam indícios da mesma Mente superior, não podem êles deixar de estar em harmonia mútua. Por métodos diferentes em diversas linguas, dão testemunho das mesmas grandes verdades. A ciência está sempre a descobrir novas maravilhas; mas nada traz ela de suas pesquisas que, corretamente compreendido, esteja em conflito com a revelação divina. . . . O relatório bíblico está em harmonia consigo mesmo e com o ensino da Natureza. — *Educação*, págs. 128 e 129.

Estas declarações estão em vivo contraste com a posição assumida por H. Emílio Brunner, um dos mais conhecidos teólogos protestantes do século vinte. Na pág. 38 de seu livro *The Word and The World* diz êle: “A ortodoxia tornou-se impossível para toda pessoa que tenha noções de ciência.” O Dr. Brunner parece entender que a pessoa que se una à Igreja Adventista do Sétimo Dia deve não somente deixar os cigarros e o álcool, mas também o raciocínio. Deus, que ao formar-nos conforme Sua imagem, nos concedeu o intelecto, convida-nos a arrazoar com Êle (Isa. 1:18). A fim de a igreja de Deus aperfeiçoar uma voz eficiente, mediante a qual possa clamar alto e bom som a todos os homens, de tôdas as classes sociais, níveis intelectuais e localização, concitando-os a adorarem Aquêle que fêz os céus, a Terra e o mar, é preciso que promova “idéias corretas, mostrando a harmonia entre a ciência e a religião bíblica.” — *The Ministry*, fev. 1970.

(Continua)

# JUNTO à MESA

## Sugestões para o Êxito no Trabalho Pessoal

WALTER R. L. SCRAGG

Secretário Assistente, Dep. de Rádio-Televisão,  
da Ass. Geral.

**M**INHA primeira incumbência no ministério foi trabalhar com uma equipe de evangelistas experimentados, na cidade de Melbourne, Austrália. Cabia-me substituir um obreiro jovem que aceitara um chamado para a Índia. Deparei com mais de trezentos nomes de interessados.

— Quais são as obrigações de meu trabalho? perguntei ao evangelista. Como poderei ajudar a ganhar essas pessoas?

— Você poderá pensar que eu hei de ganhar essas pessoas em minhas reuniões, disse êle; mas quero dizer-lhe que é junto à mesa, em em seus lares, que se ganham almas. Decisões face-a-face são as que contam.

E todo evangelista de êxito dirá Amém a essa resposta.

Não há perigo maior do que contar o ministro com métodos ou truques, que substituam o contato pessoal, consumidor de tempo, mas indispensável. Literatura, cursos por correspondência, guias de leitura da Bíblia, não podem fazer o trabalho do obreiro pessoal no lar, ou no gabinete pastoral. O sermão não fará essa obra. Certo, algumas decisões são tomadas em resultado de pregar, ou ler ou ouvir; mas unicamente o trabalho pessoal cimentará essas decisões.

“Não é o pregar a coisa mais importante; é o trabalho de casa em casa, o arrazoar baseado na Palavra, a explicação dessa Palavra. São os

obreiros que seguem os métodos de Cristo que ganharão almas como paga.” — *Gospel Workers*, pág. 468.

“Todos quantos puderem, devem fazer trabalho pessoal. Ao irem êles de casa em casa, explicando as Escrituras ao povo de maneira clara e simples, Deus torna a verdade poderosa para salvar. O Salvador abençoa os que fazem tal obra.” — *Evangelismo*, pág. 442.

Será fácil, para o obreiro, fazer êsse trabalho pessoal? Será coisa que vem naturalmente? “Êste [o trabalho pessoal] deve ser feito mesmo que haja menos pregação. . . . Cumpre exercitar-vos e educar-vos a vós mesmos no visitar tôda família a que vos seja possível obter acesso. . . . Caso êle negligencie êsse trabalho — visitar o povo em suas casas — é um pastor infiel e está sob a repreensão de Deus. . . . Deus não aceitará desculpas por negligenciar-se assim a parte mais importante do ministério.” — *Idem*, pág. 440.

Eis alguns conselhos que nos vêm da sabedoria divina, para nos ajudar em nosso evangelismo pessoal:

1. *Amor às almas.* — O senso de prioridades leva todo verdadeiro evangelista a amar as almas em primeiro lugar. Da dedicação e completa consagração a Cristo provém o correto senso de valôres. “Cristo demonstrou-nos o grande valor das almas, vindo ao mundo com o coração tomado do amor acumulado através da eternidade, oferecendo-Se para tornar o homem her-



deiro de toda a Sua riqueza.” — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 204.

Com a mesma paixão pelas almas perdidas, não hesitaremos em aceitar circunstâncias difíceis. Bem me lembro de meu trabalho em favor de um jovem. Eu não tinha muito mais idade que êle. Não sabendo da diferença, ministrei-lhe estudos bíblicos na sala da pensão onde êle morava, enquanto constantemente passavam por ali outros pensionistas. Sua decisão, tomou-a por ocasião de um estudo à luz de uma lanterna elétrica, na varanda. Hoje é êle um obreiro de êxito, e nunca deixa de lembrar-me de que minha persistência e descaço das circunstâncias adversas o ajudaram a tomar a decisão.

2. *Uso da Palavra e do Espírito Santo.* — “Grande obra pode ser feita apresentando ao povo a Bíblia tal qual ela é. Levai a palavra de Deus à porta de todo homem, . . . repeti a todos a ordem do Salvador: ‘Examinai as Escrituras.’” — *Idem*, pág. 388.

Mais do que nunca dantes, os ministros adventistas precisam da Palavra de Deus. De que outro modo poderíamos esperar penetrar a confusão mental, a indiferença e o materialismo do século? Nosso filosofar, nosso escasso conhecimento de psicologia, jamais podem tomar o lugar de um “Assim diz o Senhor.”

3. *Oração.* — A oração, pedindo o que convém, ajudar-nos-á em nossa obra de ganhar almas. “Os discípulos oravam com intenso fervor, pedindo aptidão para dirigir-se aos homens e em suas relações diárias falarem palavras que levassem pecadores a Cristo.” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 37.

“Ao trabalho pessoal por outros, deve preceder muita oração particular, pois requer sabedoria o compreender a ciência da salvação de almas. Antes de comunicar-vos com os homens, comungai com Cristo.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 149.

4. *Trabalho árduo.* — Qual a norma para um programa de visitação? Três estudos bíblicos à noite não são tarefa impossível; sete ou oito ao dia estão nos limites da realização. Isto tudo, além do programa da igreja? Sim. Muitas vezes caímos no êrro de permitir que os membros da igreja preencham nossos dias e noites com atividades que são boas, mas que êles facilmente poderiam cumprir por nós, deixando tempo para a obra indispensável da visitação pessoal. “Seria tão razoável esperar colheita onde não se tenha semeado, ou conhecimento onde não foi buscado, como esperar ser salvo na indolência.” — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 286.

5. *Vestuírio.* — Vejamos isto: “A perda de algumas almas será afinal atribuível ao desasseio do ministro.” — *Idem*, Vol. 2, pág. 613. Um ministro, muito conhecido meu, sempre usava seus ternos até que os punhos se desgastavam e o paletó luzia de tanto uso. Mesmo os cola-

rinhos da camisa começavam a desfiar, antes que os descartasse. Depois que li essa declaração do Espírito de Profecia, fiquei a pensar se parte de sua falta de êxito não seria atribuível a isso.

6. *Tom da voz.* — Segundo Arnoldo Bennett, “noventa por cento dos atritos da vida diária se devem ao tom de voz.” Diz a Sra. White: “Para algumas almas a maneira de alguém apresentar a mensagem determinará sua aceitação ou rejeição. Seja pois falada a verdade de modo que apele para o entendimento e impressione o coração. Seja ela pronunciada compassada, distinta e solenemente, mas com toda a sinceridade que sua importância requer. . . . Devemos acostumar-nos a falar em tom agradável, usar linguagem pura e correta e palavras amáveis e corteses.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 336.

7. *Caráter.* — O caráter e a personalidade circundam a mensagem com uma atmosfera que tem grande influência sobre a atitude das pessoas para com a verdade. Uma vida possuída de fé, ânimo e esperança; vida repleta da amabilidade do amor de Cristo, terá uma influência extraordinária.

“Nossas palavras, nossos atos, nosso traje, nosso procedimento, até a expressão fisionômica têm sua influência. . . . Todo impulso assim comunicado é uma semente que produzirá sua colheita. . . . Assim, por nossa influência inconsciente, podem ser abençoados milhares.” — *Idem*, pág. 340.

Mesmo nossa maneira de dar a mão pode fazer diferença. “Podemos apertar a mão de uma pessoa de maneira que capte imediatamente sua confiança.” — *Gospel Workers*, pág. 189.

8. *Uso eficaz da literatura.* — Ouvi certa vez pessoa não adventista definir nosso povo como tendo a cabeça “cheia de textos e o bôlso cheio de folhetos.” “Planos devem ser feitos para que cada reunião em que a verdade haja sido apresentada ao público, seja seguida da distribuição de folhetos e pequenas brochuras. Hoje em dia pode parecer necessário distribuí-los gratuitamente, mas serão uma força para o bem, e nada se perderá.” — *Evangelismo*, pág. 159.

9. *Entusiasmo.* — Uma das coisas que mais me afetaram em minha mocidade e me levaram a aceitar a Cristo foi o óbvio entusiasmo de meu pai evangelista e seus coobreiros, pela obra que realizavam. Emocionemo-nos com a mensagem. Creiamos nela. Contagiemos os outros com nossa emoção e entusiasmo. Evitemos atitudes negativas. Um dos nossos departamentos certa vez fez o seguinte comentário acerca de alguns interessados da Voz da Profecia e da Fé para Hoje: “Enviei-lhes três convites para minhas reuniões e nenhum deles apareceu.” Isto para êle assinava o fim de sua responsabilidade. O entusiasmo em tórno de

(Continua na pág. 18)

# CONHECER A DEUS

(No Antigo Testamento)

ROLANDO E. LOASBY

Professor Jubilado, do Seminário Teológico ASD

O ESPÍRITO filosófico pagão, tanto o grego clássico, como o romano ou o hindu, ganhava-se de ser capaz de alcançar a verdade última acerca de Deus e Seu ser. Este estado de espírito era bem diverso do possuído pelo povo teocrático. Através de todo o Antigo Testamento acentua-se a realidade de Deus, o fato de que Deus existe. A convicção teocrática do crente, de que era possível o conhecimento de Deus, em profundidade e para grande benefício pessoal, tornou-se clara através de sua história; mas quanto à verdade última de Deus e Seu ser, o espírito hebreu não especulou.

O crente hebreu veio a saber que era obtível o conhecimento de Deus; isso não mediante especulações-filosóficas, não pela iniciação em cultos misteriosos, mas por uma sincera e inteira submissão à vontade divina, às divinas diretrizes. Procurando tornar conhecido a outros o seu conhecimento e compreensão de Deus, os hebreus usavam para Deus vários nomes, descritivos de Sua pessoa.

O nome mais geralmente usado para designar a Deus, no Antigo Testamento, é *Elohim*, que ocorre 2.555 vezes, sendo que 2.310 vezes se refere a Deus como o que é vivo e verdadeiro. A forma do nome é provavelmente o plural de *majestade*, indicando a grandeza, a infinitude, a inexaustibilidade de Sua natureza. Formas mais simples e elementares de *Elohim* são *Eloah*, *Elah* e *El*, todas se referindo ao Deus verdadeiro, que é forte; o Deus de Israel. Essas palavras, embora muitas vezes usadas sozinhas, são também freqüentemente empregadas na dependência de outro termo, como por exemplo "o Deus fiel, que guarda a aliança" (Deut. 7:9); "Deus grande" (Deut. 10:17); "Deus, o Santo" (Isa. 5:16); "Deus, minha rocha" (Sal. 42:9); "o Deus da sabedoria" (I Sam. 2:3); "Deus que é a minha grande alegria" (Sal. 43:4); "Deus compassivo, clemente e longânimo,

e grande em misericórdia e fidelidade" (Êxo. 34:6). Estas formas mais simples do nome *Elohim* encontram-se numerosas vezes no Antigo Testamento. Há aí uma exuberância de conhecimentos acerca de Deus, a desafiar nosso estudo.

Um dos mais maravilhosos nomes de Deus é *El-Shadday*, traduzido por "Deus Todo-poderoso." A forma simples, *Shadday* é sempre traduzida por "Todo-poderoso." É pena, pois a palavra quer dizer plenitude, riqueza, ternura. A raiz é *shad*, seio feminino, e tem afinidade com a palavra árabe para "umedecer." Existe aí a idéia de terna misericórdia, abundância e doce ternura.

Outro nome que em hebraico expressa a natureza de Deus é *Adonay*, que dá idéia de firmeza, determinação, domínio, poder, direito de propriedade. Este título implica a verdade de que Deus é Senhor e tem direito a nossa plena submissão e obediência. Mal. 1:6 expressa o dever do crente, implícito nas palavras: "O filho honra o pai, e o servo ao seu senhor. Se Eu sou Pai, onde está a Minha honra? E se Eu sou Senhor [Adonay], onde está o respeito para comigo?"

A palavra hebraica traduzida por "respeito" ("temor" na trad. antiga), é *mora*. Usada em relação a Deus é como o termo do Novo Testamento *phobos*, e não significa a terrível emoção covarde de medo. A palavra é da mesma raiz que a palavra *temor* do qual se diz ser o princípio da sabedoria (Sal. 111:10) e do saber (Prov. 1:7). Requer o afastar-nos do mal (16:6) e leva ao conhecimento de Deus (2:5).

O nome pessoal, ou próprio, de Deus no Antigo Testamento é *Yahweh* (Jeová), que se encontra cerca de 5.500 vezes. Este nome sempre se achou envólto em mistério, desconhecendo-se sua origem e significado exato. Os hebreus ligavam o nome a *hayah*, verbo ser.

Em Êxo. 3:14 tem o equivalente de "Eu Sou o que Sou." Este nome foi, ao que parece, introduzido por Moisés em relação com o concêrto; encontra-se, entretanto, em Gênesis, o que dá idéia de seu uso já em tempos muito antigos. A transliteração *Jeová* era desconhecida até 1520, quando foi introduzida por Galatino; mas os judeus nunca ousavam pronunciar o nome hebraico, substituindo-o por outros, ao lerem as Escrituras. O nome *Yahweh* geralmente apresenta a Deus como o Ser absoluto e imutável, existente por vida própria, que cumpre todas as Suas promessas, o Deus da redenção.

Declaração muito significativa, que é uma promessa, foi feita por Deus a Moisés: "Eu serei contigo" (Êxo. 3:12). A promessa: "Servireis a Deus neste monte." Esta promessa foi cumprida não só pela Presença e auxílio divinos providos a Moisés de modo maravilhoso no decorrer das negociações preliminares com Faraó, mas prosseguiu até o cumprimento completo de sua missão.

O cerimonial no monte abrangeu a doação da aliança. Esta é um laço entre Deus e Seu povo. Inclui uma revelação, uma lei moral que requer obediência: "Se ouvirdes a Minha voz," "guardardes a Minha aliança." Segue a promessa: "Então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos" (Êxo. 19:5). A aliança é então uma predestinação. Implica em íntima afinidade entre Deus e o crente. Essa relação é mantida pela obediência à vontade de Deus, o que leva a um conhecimento pessoal e prático de Sua pessoa, Seus atributos.

Para conservar-se em relação de aliança com Deus, o crente tem de obedecer à lei divina. A lei acentua a transcendência e soberania de Deus; salienta o dever do crente, de viver de conformidade com as Suas diretivas, indicando assim o caminho do conhecimento de Deus.

No Antigo Testamento temos base moral para o conhecimento de Deus. Ele é pessoal, sublime e santo; todavia, próximo do crente arrependido. A obediência traz a paz e confiança, baseadas no conhecimento de Deus: "Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquêle cujo propósito é firme; porque êle confia em Ti" (Isa. 26:3).

O povo de Deus deve conhecê-Lo. A aliança deve ser em sua vida uma dinâmica realidade. Infelizmente muitas vezes tem sido justificado o lamento de Isaías: "O boi conhece o seu possuidor, e o jumento o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o Meu povo não entende" (Isa. 1:3).

Através da história o povo de Deus se tem demonstrado muitas vezes menos inteligente que os irracionais. O animal reconhece seu senhor; considera-o como fonte de seu sustento e bem-estar. O jumento e o boi encontram o caminho para o estábulo; o povo de Deus, porém, quan-

tas vezes ignoram a Deus como seu Senhor, amigo, e fonte da vida espiritual e física.

A ignorância acêrca de Deus é culpável, repreensível. Especialmente no Antigo Testamento o conhecimento de Deus é sinônimo de obediência à vontade divina. Diz o profeta Oséias que o Senhor deseja *chesed* de preferência a ofertas (Oséias 6:6). Esta palavra é traduzida por "misericórdia," "bondade" ou "benignidade," ou ainda "amor constante." O léxico hebraico dá-nos tradução mais expressiva: "bondosa instrução," e misericórdia e caridade como derivados, e não a idéia básica. Demais, a palavra *chesed* tem íntima e inalienável ligação com a aliança de Deus; exprime, ainda, firme adesão às condições da aliança, conservando sempre uma noção de força, firmeza e constância. Assim, muito naturalmente o profeta completou seu pensamento, dizendo que o que se requer é o conhecimento de Deus, e não holocaustos.

Deus instituiu os sacrifícios e ofertas; assim, o texto não pode significar que Ele não os desejasse, no sentido absoluto; requeria, porém, juntamente com êles, valores morais e espirituais. Os aspectos morais e espirituais são sempre a verdadeira finalidade da instituição de leis e ordenanças. Também o conhecimento de Deus, por Ele requerido, refere-se a conhecimento pessoal, de pessoa para pessoa, prático, experimental. O conhecimento de Deus vai de parceria com a piedade, amor e bondade; e tudo isso se acha implicado em *chesed*, com determinada relação ao concêrto. Acertadamente disse Norman H. Smith: "*Shesed*, em todos os seus vários matizes de sentido, subentende a existência de um concêrto. Sem a anterior existência do concêrto, de modo algum poderia existir *chesed*." — *The Distinctive Ideas of the Old Testament*, pág. 94.

Não nos esqueçamos de que *chesed* abrange o sentido daquele amor e obrigação que devemos a Deus e ao Seu concêrto, e que se acha implicado intimamente no conhecimento de Deus.

O ministro hoje deve ter um conhecimento pessoal e experimental de Deus, a fim de transmiti-lo ao povo de Deus. Para êsse fim, um trabalho muito frutífero é estudar os nomes empregados para designar a Deus, na Palavra. "Os ministros devem tornar-se estudiosos da Bíblia. . . . A Palavra de Deus deve ser estudada cabalmente. Tôda e qualquer outra leitura é inferior a essa. . . . Se estudarmos a Palavra de Deus com interêsse, e orarmos para compreendê-la, veremos novas belezas em cada linha." Deus promete revelar novas e preciosas verdades (ver *Testimonies*, Vol. 2, págs. 337 e 338). Não basta fazer que nossos sermões consistam em não pequena parte de citações de livros outros que a Bíblia. Temos de conhecer e apresentar a Palavra de Deus. — *The Ministry*, fev. 1970.



# A Classe Bíblica do Pastor

KENNETH H. LIVESAY

Secretário do Depto. das Atividades Missionárias,  
Associação. Californiana

**C**OM as pesadas responsabilidades que pesam sobre o pastor, muitas vezes ele fica a cogitar como pode eficazmente apresentar Cristo a maior número de pessoas. Seu tempo é tão requisitado, que deve empregar métodos para alcançar o maior número possível de pessoas que rumam a eternidade. Tantas vezes gastamos uma, duas ou três horas para irmos dar um estudo bíblico que interessa a uma ou duas pessoas apenas. Todos concordamos em que é incomensurável o valor do ministério pessoal. Entretanto, a obra pessoal do ministro pode ser multiplicada pelo plano de grupo ou classe de estudos bíblicos. A classe bíblica pode ser dirigida por ministros, profissionais, líderes da igreja, jovens e membros leigos de todos os ramos de atividade.

Há uma vantagem na reunião de grupo. O propósito do plano de grupo é a possibilidade da troca de idéias. O darem expressão a suas convicções tende a ser de valor ao povo, fortalecendo-lhes a fé em Cristo.

A classe bíblica proporciona ao pastor um lugar aonde levar seus interessados. Muitas pessoas não estão ainda preparadas para assistir aos cultos da igreja, mas estão dispostas a ir à classe bíblica. Certo pastor fez uma lista dos esposos e dos jovens que não se haviam ainda entregue a Cristo e não eram membros da igreja. Havia mais de sessenta esposos nessas condições. Nos quatro anos em que foi seguido esse programa, mais da metade dessas pessoas foram batizadas.

Deve o pastor pensar e falar em êxito acerca da classe. Deve tornar-se entusiasmado com ela. Quando somos entusiastas acerca do Senhor Jesus Cristo, os membros da classe trazem outros membros de sua família. Diz o Espírito de Profecia, em *Profetas e Reis*, pág. 263: "Em proporção ao entusiasmo e perseverança com que a obra é levada a termo será dado o sucesso." Se somos cristãos felizes e entusiastas, os jovens assistem à classe bíblica.

Alguns ministros têm usado prêmios para aumentar a assistência. Não me parece que os livros e brochuras dados como prêmios em minha

classe tivessem aumentado a assistência. Todavia algumas pessoas têm tido êxito com o sistema dos prêmios.

Bastam poucas pessoas para começar a classe. Se for interessante, ela aumentará. Espôsas levarão o marido. Novos conversos levarão seus parentes e amigos. Em vossas visitas, promovi a classe bíblica. Ela vos dará oportunidade de fazer muitas visitas. Abri o coração aos membros da classe, em seus lares, assim como em classe.

## Onde e Como?

Muitas vezes o pastor pergunta: "Onde devo reunir minha classe?" Pode ele usar o gabinete pastoral, na igreja, ou algum outro recinto na mesma igreja. Certo pastor tinha ao seu dispor a sala de espera de um médico, próxima da igreja, e isso foi muito satisfatório. Pode mesmo dar-se que a reunião fora da igreja seja mais freqüentada. Se possível, devemos ficar bastante perto do santuário, de modo que os filhos dos interessados possam assistir à Escola Sabatina, no departamento respectivo. Este plano das manhãs de sábado serve de modelo de assistência aos adultos e seus filhos. A maioria das crianças apreciam os departamentos da Escola Sabatina, e qualquer coisa que possamos fazer pelos filhos, atrairá seus pais. Estai alerta também em relação às crianças que são levadas à Escola Sabatina por pais que estão de volta para casa. Esses pais são bons candidatos à vossa classe bíblica. Os professores dos vários departamentos da Escola Sabatina podem ser arrematados para ajudarem nesses casos.

Muitos de nossos ministros iniciam sua classe às 9:30 da manhã, quando a Escola Sabatina inicia seu programa. Outros têm a classe às 10 h, quando se acha em meio a reunião da Escola Sabatina. Acho, e outros também, que devemos aproveitar todo o tempo possível para ajudar os que estão famintos da Palavra. Iniciando cedo a classe, podemos dobrar o tempo da exposição da Palavra de Deus.

A manhã de sábado é a ocasião ideal. En-

trtando, muitas pessoas dispostas a estudar, não podem estar presentes então. Neste caso, providenciarei a reunião em dia de semana, à noite. Certo médico em nossa associação dirige uma classe bíblica durante a semana e está obtendo excelentes resultados. Um ministro de nossa associação formou classes bíblicas no lar de várias das pessoas interessadas. Estas, por sua vez, convidaram amigos e outras pessoas, que estão estudando as lições bíblicas *Go Tell*. [Trata-se de um método ainda não introduzido em nosso meio: *Ide Contar*.] Este pastor nesse ano batizou cem pessoas, mediante as classes bíblicas do lar. Muitos de nossos médicos hão de apreciar a idéia de convidar seus pacientes a assistir à classe bíblica do pastor, a qual poderá reunir-se numa noite da semana. Jovens também têm dirigido classes, com ótimos resultados, servindo-se dos seus jovens amigos para ajudarem no estudo da Bíblia.

### Como?

Surge a pergunta: "Como poderemos dirigir a classe bíblica?" Devemos levar os membros da classe a sentir-se à vontade para fazer perguntas ou expressarem suas convicções. Deve a classe iniciar-se com oração. É opinião de muitos ministros que devemos levar o grupo a ajoelhar-se antes do estudo da Palavra. Se seguirmos o plano de citar os livros, capítulos e versículos da Bíblia, devemos ajudar os membros, se necessário, a encontrarem o texto. Para poupar tempo e manter a atenção, talvez o melhor seja citar o número da página. Temos de captar e conservar o interesse durante todo o tempo. Usai uma Bíblia que possais passar aos membros da classe, para poderem volver à página onde se encontra o versículo. Não peçais a algum membro da classe que leia a passagem se isso porventura lhe havia de causar embaraço.

Evitai dizer a qualquer pessoa que a resposta que deu não está bem certa. Dirigi-vos então a outro membro da classe, pedindo sua opinião, em vez de fazer alguém sentir que labora em erro crasso. Muitas vezes convirá pedir a todos, um por um, que leia a passagem que responde à pergunta tratada.

Planejai fazer perguntas e usar ilustrações que desenvolvam confiança. Há uma variedade de lições que podem ser usadas como orientação. Existe para isso um trimestrário especial, publicado pelo Departamento da Escola Sabatina. Muitos pastores usam, com muito êxito, seus próprios esboços de estudos. Outros se servem da "Bíblia Fala." Outras publicações existem muito adequadas, como os Estudos Bíblicos Breves, A Voz da Mocidade etc. Muitas vezes é necessário passar várias reuniões estudando sobre a inspiração da Bíblia, seu Autor, e outros pontos importantes para as pessoas em geral, que pouco entendam da Palavra. Alguns

ministros distribuem as lições antecipadamente, para a semana próxima, de modo a poderem ser estudadas em casa. Isto contribuirá para formar o plano de estudar as Escrituras nos lares, e os membros estarão dispostos a estimular a troca de idéias no sábado seguinte.

O objetivo da classe é estudar, expor, por assim dizer, pessoas de todas as classes, à influência da Palavra de Deus. A classe bíblica é singularmente diversa do culto da segunda hora. Na classe trocamos idéias, ouvimos e respondemos a perguntas. Quando as pessoas estudam a Palavra, o Espírito traz convicção. Quando são pelo ministro levadas a seguir as convicções bíblicas, alcançam a paz! Quando as pessoas se acham sob convicção de pecado, atendem logo ao convite de seguir a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador.

O ministério da classe bíblica resultará numa boa colheita de almas, e na rica intuição de dever cumprido, em nossa vocação para o ministério. A experiência de uma classe bíblica devidamente conduzida proporciona ao pastor uma nova dimensão em seu ministério, gozo em sua vida, e salvação a muitas almas.

8. O Dia da Expição era positivamente considerado pelos judeus como dia de juízo, como se vê no extrato seguinte:

Supunha-se que no Dia de Ano Novo... os decretos divinos eram registrados, e que no dia da Expição... eram confirmados, de modo que a década [de dias] é conhecida pelo nome de "Dias Terríveis," e "Dez Dias Penitenciais." Tão terrível era o Dia da Expição que, diz um livro ritual judeu, os próprios anjos correm para cá, e para lá temendo e tremendo, dizendo: "Eis é chegado o Dia do Juízo!" — F. W. Farrar, *The Early Days of Christianity*, págs. 237 e 238.

Mesmo os anjos, diz-nos o Ritual, ficam tomados de temor e tremor; apressam-se para cá e para lá e dizem: "Eis, é chegado o Dia do Juízo!" O Dia da Expição é o Dia do Juízo. — Paul Isaac Hershon, *Treasures of the Talmud* (1882), pág. 97.

"Deus, assentado em Seu trono para julgar o mundo, ao mesmo tempo Juiz, Advogado, Perito e Testemunha, abre o Livro dos Registos... Soa a grande trombeta; ouve-se uma voz mansa e delicada; os anjos estremeçam, dizendo: Este é o dia do juízo... No Dia de Ano Novo escreve-se o decreto; no Dia da Expição é decidido quem há de viver e quem há de morrer." — *The Jewish Encyclopedia*, Vol. 2, pág. 286.

### III. O Santuário Celestial e sua Purificação

A purificação do santuário predita em Dan. 8:14, a realizar-se no final dos 2.300 dias, ou anos, como demonstramos, não se podia aplicar ao antigo tabernáculo judeu, pois esse santuário deixou de existir há quase dois mil anos. O santuário terrestre e seu ritual, como indicamos nas pergs. 31 e 33, era simplesmente um tipo, ou símbolo, da obra de Cristo na salvação dos homens mediante Sua morte na cruz e Seu ministério perante o Pai, em favor deles. O livro aos Hebreus apresenta claramente a Cristo como sumo sacerdote num santuário no Céu (Heb. 8:2), onde Ele é mediador dos pecadores arrependidos e dos santos devotos, graças aos méritos de Seu sacrifício (Heb. 9:14 e 15). Cremos,



então, que é a purificação desse santuário celeste que deve cumprir a profecia de Dan. 8:14.

Como, porém, precisa de purificação o santuário celestial? Em figura, os pecados dos israelitas manchavam o santuário, e no Dia da Expição era ele purificado de todos esses pecados. Mas a Escritura fala também da purificação do santuário celestial: "Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios a eles superiores." Heb. 9:23. Desta linguagem ressalta claro que a expressão "figuras das coisas que se acham nos Céus" se refere ao santuário ou Templo dos dias de Israel. Depois de afirmar isso, diz o autor que "as próprias coisas celestiais" precisam purificar-se "com sacrifícios a eles superiores."

Isto, naturalmente, é difícil compreender à luz do nosso conceito de que no Céu tudo tem de ser puro e santo.

Homens doutos têm dedicado muito estudo a este assunto. Depois de examinar vários pontos de vista expostos por diversos escritores, o deão Henry Alford observa:

Mas isto não satisfaz aos requisitos do caso. Deste modo não haveria purificação, no que respeita à relação entre Deus e os homens: nenhuma purificação, à qual de qualquer maneira se aplicasse o efeito propiciatório do sangue. Temos, portanto, de concordar com o sentido claro e literal: que o próprio Céu precisava, e obteve, a purificação pelo sangue expiador de Cristo. — *The Greek Testament*, 1964, pág. 179.

Quanto à maneira em que se dá essa impuridade, diz A. S. Peake, outro criterioso investigador:

O sentido da purificação do santuário celestial tem de ser determinado pelo seu significado quando se aplica ao santuário terrestre. O ritual do Dia da Expição designava-se, não simplesmente a expiar os pecados do povo, mas a fazer expiação do próprio santuário. O sentido disto parece ser que os constantes pecados de Israel comunicavam certa impureza ao santuário. Semelhantemente o pecado da humanidade, pode-se compreender, projetou sua sombra mesmo no Céu. — *New-Century Bible*, "Hebrews," pág. 191. (Grifo nosso.)

E o conhecido Dr. Brooke Foss Westcott acrescenta:

O Sangue de Cristo, pelo qual foi estabelecido o Nôvo Concerto, foi também válido para a purificação do arquétipo celestial do santuário terrestre. . . .

Pode-se dizer que mesmo as "coisas celestiais," ao ponto em que incorporam as condições da vida futura do homem, contraíram, pela Queda, algo que carecia de purificação. — *The Epistle to the Hebrews* (1903), págs. 271 e 272.

No santuário celestial, o registro dos pecados é o correlativo único da contaminação do santuário terrestre. Que os pecados dos homens são registrados no Céu, mostraremos no próximo capítulo. É o apagamento desses pecados, dos registros celestiais, que cumpre o símbolo exposto nos serviços do Dia da Expição. Desta maneira o santuário no Céu pode ser purificado de toda a contaminação. Esta conclusão não se apóia unicamente na interpretação dos símbolos. Há na Escritura muitas declarações diretas e positivas acerca do método em que Deus

trata com o pecado e o perdão, o juízo e as recompensas e punições.

#### IV. O Método Divino de Tratar com o Pecado e os Pecadores

1. DEUS MANTÉM UM REGISTO ACERCA DE TODO HOMEM. — Na descrição do juízo dada a Daniel em visão, diz ele: "Assentou-se o tribunal, e se abriram os livros." Dan. 7:10. E o Apóstolo João escreveu do juízo final em que maus homens e anjos receberão seu castigo. "Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros." Apoc. 20:12. As decisões do juízo, pois, baseiam-se no que está escrito nesses livros. Não é possível supor que os livros mencionados sejam livros de leis, pois João viu que o que está escrito nos livros é "segundo as suas obras." Obviamente são livros de registro.

Nem a Bíblia silencia quanto ao que está escrito nos registros celestes. Mencionam as Escrituras um livro de memória, ou memorial: "Então os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante d'Ele para os que temem ao Senhor, e para os que se lembram do Seu nome. Eles serão para Mim particular tesouro naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos." — Mal. 3:16 e 17. Esse livro, é de se compreender, contém o registro das boas obras dos homens tementes a Deus. Os registros celestiais estavam talvez no pensamento do salmista, quando escreveu: "Contaste os meus passos quando sofri perseguições; recolheste as minhas lágrimas no Teu odre. Não estão elas inscritas no Teu livro?" Sal. 56:8.

Mas também se acham registrados os atos maus dos homens: "Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más." Ecles. 12:14. Cristo advertiu os Seus ouvintes de que "toda palavra frívola" apareceria no juízo (S. Mat. 12:36), e que por suas palavras, boas ou más, seriam os homens "justificados" ou "condenados." V. 37. Até mesmo os pensamentos e motivos dos homens são registrados nos livros em cima, pois Paulo adverte de que no juízo o Senhor "não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os designios dos corações." I Cor. 4:5. Evidentemente o Registrador celestial fez uma completa biografia de todo indivíduo que já viveu na Terra, não omitindo coisa alguma que pudesse ter qualquer influência na decisão do Juiz Onipotente.

Outro livro é mencionado em Apocalipse 20: o livro da vida. Este livro é às vezes chamado por nome, outras vezes se faz alusão a ele, em vários livros da Bíblia. Moisés sabia da existên-

cia dêsse registo especial, pois pediu: *Risca-me, peço-Te, do livro que escreveste*” (Êxo. 32:32), quando rogou a Deus que perdoasse aos rebeldes israelitas. Cristo disse aos discípulos: “Alegrai-vos . . . porque os vossos nomes estão arrolados nos Céus.” S. Luc. 10:20. E Paulo menciona “cooperadores meus, cujos nomes se encontram no livro da vida.” Filip. 4:3.

O livro da vida contém o nome dos que hão de, afinal, escapar da punição do lago de fogo (Apoc. 20:15), e que terão o privilégio de entrar na Nova Jerusalém (Apoc. 21:27). No tempo do juízo final o livro da vida só conterá o nome dos que são pelo tribunal celestial escolhidos para fruir as recompensas da vida eterna. Mas é claro que não são êsses os únicos nomes que já estiveram no livro da vida. Moisés estava disposto a que seu nome fôsse apagado do livro. E Deus mesmo revelou as condições sob as quais êsse cancelamento se daria: “Riscarei do Meu livro todo aquêle que pecar contra Mim.” Êxo. 32:33. Em visão o apóstolo João ouviu o mesmo fato, expresso de outro modo.” “O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos.” Apoc. 3:5. Os que, pelos méritos do derramado sangue de Cristo, alcançarem a vitória sôbre o pecado, permanecerão no livro da vida. Ao contrário, os que não vencerem, terão o nome apagado, como pecadores contra Deus. O rei Davi, identificando seus inimigos como inimigos do Senhor, disse: “Sejam riscados do livro dos vivos, e não tenham registo com os justos.” Sal. 69:28.

Compreende-se, pois, que o livro da vida é o registo dos que professaram ser seguidores de Deus e fizeram um começo rumo do alvo da vida eterna. O apóstolo Paulo fala da “igreja dos primogênitos arrolados nos Céus.” Heb. 12:23. Falando em linguagem usual, diríamos que o livro da vida é o registo celestial da igreja. Nessa lista estão todos os que Deus pode considerar candidatos ao Seu reino eterno, desde Adão até à última pessoa na Terra que se volva anelante para Ele, não importa quão limitada seja sua compreensão da gloriosa boa-nova do evangelho.

O apagamento dos nomes do livro da vida é, cremos, uma obra do juízo investigativo. O completo e perfeito exame de todos os candidatos à vida eterna terá de ser feito antes que Cristo volte nas nuvens do céu, pois quando Ele aparecer, já terão sido tomadas as decisões para vida ou morte. Os que morreram em Cristo se-

rão chamados à vida, e os seguidores vivos de Cristo são trasladados (I Tess. 4:15-17) — O conjunto de todos os cidadãos do reino eterno. Não há tempo, depois do segundo advento, para essas decisões.

---

## Despedida

(Continuação da pág. 3)

*evangelismo na Divisão Trans-Mediterrânea receberá uma verdadeira injeção com seu trabalho dedicado. Obrigado pelos anos de frutífero labor e por seu exemplo de dedicação e serviço abnegado.*

*Ao receber a carga da Associação Ministerial em nossos ombros, sentimos o peso da responsabilidade que isso significa. Pedimos ao Céu, o poder prometido aos que o necessitam, para que de alguma forma sejamos investidos do Alto para fazer, embora seja em parte, algo do muito que fizeram os que nos precederam. Ao mesmo tempo, nos colocamos à disposição de nossos colegas de todo o campo para servi-los no que nos seja possível. Pedimos suas orações para que juntos vejamos o triunfo da Verdade e o regresso de Cristo. — Rubén Pereyra.*

---

## Junto à Mesa

(Continuação da pág. 12)

almas o teria levado a maiores esforços, mais inteligentes aproximações.

10. *Atitude positiva.* — Apegando-nos às verdades tidas em comum, falando com autoridade e certeza, com sinceridade e simplicidade, almas são influenciadas pela verdade completa.

Em volta do mundo precisamos de ministros e membros leigos que tenham uma cabal e organizada dedicação às almas. Nossas estatísticas das escolas radiopostais, sôzinhas, revelam que pouco mais da metade dêsses preciosos interessados são visitados fielmente. Mesmo esta proporção seria menor se fôsse tomada em conta a atitude indiferente que alguns têm em relação à visitação.

A obra pessoal pelas almas é a obra mais importante, mais deleitável, mais preciosa que possamos fazer. Aqui, o pregador faz a obra de Cristo, pois nosso Senhor era, acima de tudo o mais, um obreiro pessoal.

# Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## O Juízo Investigativo

Pergunta 36

Segunda Parte (Continuação)

**O** SANTUÁRIO, no deserto, e o templo, posteriormente, eram vívidas lições objetivas, no grande plano divino para redenção do gênero humano. Notem-se os aspectos seguintes:

1. Havia dois aspectos de ministério: (a) o que era efetuado no pátio e no lugar santo *cada dia do ano* (Heb. 9:6), e (b) o que se celebrava no lugar santíssimo *uma vez ao ano* (v. 7).

2. A obra efetuada diariamente no pátio, e no lugar santo, era em sentido particular a *obra de reconciliação* em favor dos homens. Em contraste, o serviço anual efetuado no lugar santíssimo era em grande parte uma *obra de juízo*. Cada dia do ano (inclusive o Dia da Expição) eram perdoados os pecados. Mas o Dia da Expição era dia especial, em que os pecados confessados eram também apagados. Nesse dia Deus dava a Israel uma ilustração gráfica, cremos, de Seu propósito de eliminar para sempre do Seu universo o pecado.

3. Havia três grupos especiais de ofertas de sacrifício, no serviço simbólico: (a) os sacrifícios matutinos e vespertinos. (Em hebraico, o *tamid* — “o contínuo”); (b) as ofertas individuais do pecador; e (c) as ofertas especiais do Dia da Expição.

4. Cada dia do ano ofereciam-se sacrifícios em favor do povo, de manhã e à tarde. Provia-se assim a expiação para todos os homens, independente de sua atitude para com essa providência. Onde quer que vivesse a pessoa, podia erguer a Deus o coração, volver o rosto para Jerusalém, confessar os pecados e prevalecer-se das graciosas providências da expiação (I Reis 8:30). Também o pecador trazia individualmente seu sacrifício, conforme se lhe oferecia a oportunidade. Esses sacrifícios individuais eram

a expressão de sua fé e de sua aceitação das providências divinas tomadas em favor de sua salvação do pecado.

5. Os sacrifícios especiais do Dia da Expição, já considerado como um dia de juízo, eram de natureza diferente. Primeiro, havia sacrifícios oferecidos pelo sumo sacerdote, por si e pela sua casa. Mas a principal oferta sacrificial daquele era chamada “o bode pelo Senhor.” Usavam-se dois bodes, mas um deles (por Azazel) *não era sacrifício*. Não se lhe derramava o sangue. *Únicamente o sangue do “bode pelo Senhor” provia o sangue purificador e expiador.*

6. O cerimonial nesse dia era de particular importância: (a) A salvação do povo era provida, como usualmente, pelos sacrifícios matutino e vespertino; mas *não havia ofertas individuais* nesse dia; (b) o sangue do bode pelo Senhor era para o povo (Heb. 7:27); destinava-se a fazer expiação por eles (Lev. 16:30); era para fazer expiação uma vez por ano pelos filhos de Israel, por causa dos seus pecados” (v. 34); era “por todo o povo da congregação” (v. 33); (c) feito isto, o mesmo sangue expiador, simbolicamente, purificava o lugar santíssimo, os altares, o lugar santo propriamente dito, e todo o tabernáculo; (d) completada a obra da expiação pelo povo e pelo santuário, e reconciliados todos os que estavam dispostos a isso, *então*, convém acentuar, e só *então*, entrava em cena o segundo bode (por Azazel). Lemos: “Havendo, pois, acabado de fazer expiação pelo santuário, pela tenda da congregação, e pelo altar, então fará chegar o bode vivo,” Lev. 16:20. (Sôbre o sentido da expressão “por Azazel,” ver a perg. 34. No ato então efetuado pelo sumo sacerdote, dava-se ao povo, repetimos, uma lição

objetiva daquilo que Deus planeja fazer nos últimos dias. Os pecados eram depostos sobre a cabeça do bode vivo, que era então levado ao deserto.

7. O estudo atento de todos os sacrifícios do ritual do santuário torna evidente que havia um definido princípio básico em todos esses símbolos: que o pecado era transferido, do pecador, tanto para a vítima sacrificial como para o próprio sacerdote. O que oferecia o sacrifício punha a mão sobre a cabeça da vítima, confessando simbolicamente o pecado e colocando-o sobre o animal substituto que ia morrer em seu lugar. Quando era aspergido o sangue, registava-se o pecado no santuário. Pelo profeta, disse Deus: "O pecado de Judá está . . . gravado . . . nas pontas dos seus altares." Jer. 17:1. Quando o sacerdote comia da carne da vítima, ele também levava sobre si o pecado (Lev. 10:17). O pecador individual era perdoado e assim livre de seu pecado, mas nas manchas de sangue do santuário percebia ele, em figura, um registo dos maus atos que ele, com muito prazer, gostaria de ver apagados e removidos para sempre. No Dia da Expição, quando o sangue do bode era aspergido sobre todos os móveis do santuário assim como sobre o altar das ofertas queimadas, era removido o registo acumulado dos pecados cometidos durante o ano. Declara a Escritura que "fará expiação pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel e das suas transgressões e de todos os seus pecados. Da mesma sorte fará pela tenda da congregação." Lev. 16:16. "Então sairá ao altar, que está perante o Senhor, e fará expiação por ele. . . . Do sangue espargirá com o dedo sete vezes sobre o altar, e o purificará, e o santificará das impurezas dos filhos de Israel." Vs. 18 e 19. "Naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos: e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor." V. 30.

Ressalta claro o quadro simbólico. Os pecados dos israelitas, registados no santuário pelo sangue derramado das vítimas sacrificais, era removido, nada mais dele se vendo, no Dia da Expição. A linguagem usada para descrever o fato sugere o cancelamento do próprio registo do mal.

## O Pastor e sua Espôsa

(Continuação da pág. 7)

minará a utilidade dessa espécie de comunicação. Essas considerações ajudarão a espôsa do pastor a tornar-se mais informada, e portanto mais confiante no campo da teologia e das relações públicas.

5. Periódicamente devem o pastor e espôsa

tomar tempo para pequenas viagens juntos. Podem ser saídas de poucas horas, no decorrer do dia ou à noite, ou mesmo por uns dois dias. Isto lhes permite dedicarem exclusiva atenção mútua — coisa que raro podem fazer. Também é proveitoso juntarem-se vários pastores e respectivas espôsas e, em comunhão com Cristo partilharem suas esperanças, sonhos, decepções e problemas. É coisa nunca esquecida o ficar sabendo que outros casais, também dedicados à obra de Cristo, têm que preocupar-se com fazer ajustes em sua vida matrimonial. E é instrutivo ver como removem suas divergências.

6. Periódicamente devem o pastor e espôsa recordar os acontecimentos passados. Isto os poderá ajudar a ver onde permitiram que Cristo operasse em sua vida e onde devam porfiar por deixá-Lo atuar no futuro. Isto pressupõe, naturalmente, que ambos sejam cristãos consagrados, desejosos de servir ao Senhor com espírito agradecido. Juntos devem dedicar de novo a vida, o lar e seu ministério a Deus em Cristo, de modo que as pressões naturais da vida e natureza humanas não sufoquem a sensibilidade para com a vontade de Deus, a qual é que sejam ambos bons ministros cristãos.

7. A reafirmação do amor mútuo tem de ser tanto falada como mostrada. A confiança mútua cobre multidão de faltas.

Devem marido e mulher animar um ao outro, de maneira que seu ministério e vida em comum não se torne um duelo, mas sim um dueto. Devem ser cuidadosos para não permitir que se erga entre ambos um muro de separação.

Certo pastor refere como se ergueu um muro defensivo entre ele e a espôsa, o qual com o tempo os levou a deixarem de falar um ao outro. Depois de vários dias dessa antecipação do inferno, o pastor prostrou-se de joelhos e suplicou auxílio. Ajoelhou-se para saber como endireitar a espôsa, e ergueu-se com a convicção de que *ele* tinha muita confissão a fazer. Escreveu então uma carta à espôsa, admitindo suas faltas, pedindo-lhe perdão e dizendo que também lhe perdoava, ao mesmo tempo que lhe protestava amor. Ela leu a carta e ambos choraram juntos, confessando e removendo as faltas. Disse ele que só quando permitiu que o Senhor lhe mostrasse o orgulho que tinha, foi que começou a reconciliação por ambos desejada.

A vocação divina do pastor constitui uma das vocações mais extraordinárias. Entretanto, o pastor não é um anjo de Deus. E conquanto o casamento possa ser celebrado no Céu, ele tem de ser vivido na Terra. Que o marido e a espôsa aspirem a viver e servir juntos de maneira que façam jus às amáveis palavras de elogio: "Muito bem, servo bom e fiel. . . Entra no gozo do teu Senhor." — *Christianity Today*; 20-6-1969. (*Ministry*, abril de 1970.)